



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CURSO DE BACHARELADO E LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DISCIPLINA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANDERSON MARTEL TORRES DA COSTA

INDISCIPLINA NA ESCOLA E VIOLÊNCIA ESCOLAR: um estudo de caso na escola pública E.E.P.C.A.L no município de Macapá.

MACAPÁ
2017

ANDERSON MARTEL TORRES DA COSTA

INDISCIPLINA NA ESCOLA E VIOLÊNCIA ESCOLAR: um estudo de caso na
escola pública E.E.P.C.A.L no município de Macapá.

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC -
apresentado como requisito para aquisição de
Título de Bacharelado e Licenciatura em
Ciências Sociais na Universidade Federal do
Amapá - UNIFAP.

Orientador: Prof. Msc. Luciano Magnus de
Araújo.

MACAPÁ

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CURSO DE BACHARELADO E LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS
ANDERSON MARTEL TORRES DA COSTA

INDISCIPLINA NA ESCOLA E VIOLÊNCIA ESCOLAR: um estudo de caso na escola pública E.E.P.C.A.L no município de Macapá.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como Avaliação Final na matéria TCC ao Curso Ciências Sociais como requisito para aprovação e Homologação.

BANCA AVALIADORA

Prof. Msc. Luciano Magnus de Araújo
Orientador

Prof. Msc. David Junior de Souza Silva
Avaliador

Prof. Dra. Eugenia da Luz Silva Foster
Avaliador

Nota: _____ Data: ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como universitário, mas que em todos os momentos me deu forças para continuar.

A Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), pelo ambiente criativo e amigável que proporciona, e a oportunidade de fazer o curso de nível superior.

Agradeço a todos os professores do curso de Ciências Sociais por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional.

Ao Prof. Ms. Luciano Magno pela oportunidade e apoio na elaboração deste trabalho.

Agradeço a minha família, que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Agradeço a todos os membros da escola E.E.P.C.A.L no município de Macapá, os quais sem eles este trabalho não seria possível.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

O presente trabalho vem trazer no seu desenvolvimento um olhar a respeito da questão da Violência Escolar dentro das escolas públicas do município de Macapá, em primeiro plano tratara de um estudo de caso específico de uma escola do município, está a qual faço parte como funcionário da instituição. Tendo como base os estudos Marra (2007), Schilling (2004), Sposito (1993), autores estes que dentro da temática escolhidas são referências. Adentro a escola campo me deparo com uma realidade muito além do imaginado. Este trabalho está dividido em cinco partes, na primeira apresento os motivos da pesquisa e alguns questionamentos; na segunda parte uma breve apresentação do que seria este fenômeno da Violência, e como o mesmo acaba por ocorrer dentro do espaço escolar; na terceira parte uma distinção do que é considerado indisciplina dentro da escola; na quarta parte os resultados encontrados dentro da escola campo e por fim minhas considerações finais a respeito da temática da Violência Escolar

Palavras-chaves: Violência Escolar, Indisciplina, relação de poder e relação professor-aluno.

ABSTRACT

This work emphasizes in its development a look about Violence School in public schools in the Macapá city. In the first plane will treat in a specific case a school in the municipality, is which I belong as an employee institution. Based on studies Marra (2007) Schilling (2004), Sposito (1993), authors that in theme chosen are references. Inside the school field and I encounter a reality far beyond imagined. This work is divided by five parts. In the first part, I present the reasons for the search and my question. In the second part, a brief presentation that would be this phenomenon of violence, and how it eventually occur environment school. In the third part, a distinction that is considered indiscipline in school. In the fourth part, the results in field school and finally my final preamble theme of school Violence.

Keywords: School violence, indiscipline, relationship power and the teacher-student relationship.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. NOÇÕES A RESPEITO DA VIOLENCIA	10
3. A INDISCIPLINA NA ESCOLA.....	14
4. A ESCOLA CAMPO	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	27

1 INTRODUÇÃO

A justificativa de um trabalho sobre violência escolar atualmente, está de certa forma simplificado haja vista que são inúmeros os episódios divulgados pelos veículos midiáticos. Podemos citar como exemplos reportagens vinculadas pelos jornais que destacam: “Aluno é esfaqueado em escola pública em Macapá”; “Aluna de 14 anos leva facadas de estudante de 12, dentro da escola”; “Estudante é baleado na cabeça por colega dentro da sala de aula, no Amapá”,¹ e que se multiplicam em todo o território brasileiro, atingindo os diversos níveis de ensino, tornando o assunto de domínio público, sem que necessitemos fazer narrativas exaustivas sobre autores ou pesquisas.

É justamente a escola, um local onde muitos ainda depositam suas esperanças num acesso a melhores condições de vida, de bem estar, em relação à sociedade em que vivem, que vem a ser meu local de preocupação neste momento, tendo em vista que repentinamente a mídia passa a veicular matérias que retratam o aumento da violência dentro do ambiente escolar. Fatos estes que, nos levam a refletir a respeito do que está ocorrendo dentro do ambiente escolar, sendo assim motivo, para que seja estudado.

O presente trabalho é fruto do interesse a respeito da discussão e da temática com relação à violência escolar, tendo em vista à época ainda na graduação participar de grupo de pesquisa², vinculado ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), que trata justamente dos estudos na área sobre violência. É por consequência de uma inserção no ambiente escolar de modo um tanto quando inesperado e francamente sem muito preparo para o que viria a seguir.

Por questões particulares, eu acabei sendo inserido no ambiente escolar, e apesar de não ser através da minha área própria de atuação, como professor e sim

¹ Fontes: <http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2013/06/aluno-e-esfaqueado-em-escola-publica-em-macap.html>;
<http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2013/10/ap-aluna-de-14-anos-leva-facadas-de-estudante-de-12-dentro-da-escola.html>;
<http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2013/11/estudante-e-baleado-na-cabeça-por-colega-dentro-da-sala-de-aula-no-ap.html>

² O Grupo PET-Ciências Sociais e o GPVIC (Grupo de Pesquisa em violências e criminalizações).

como “auxiliar educacional”,³ cargo que ocupo ainda hoje. Tive a felicidade de me deparar com o atual tema de estudo em questão a violência escolar.

Tomei como iniciativa para construção do presente trabalho, a busca por referenciais teóricos os quais me ajudaram a construir e delimitar melhor esta temática. Através de estudos primeiramente sobre a violência, e posteriormente sobre a indisciplina no ambiente escolar busquei traçar de forma clara o meu objeto de estudo, conseqüentemente a ida a campo e a observação do ambiente escolar me proporcionou uma clarificação, sobre minha atuação, e a atuação dos indivíduos que constituem este universo tão particular que é a escola, ou como afirma Durkheim (2010, p.106-107) “quanto melhor conhecemos a sociedade; melhor poderemos compreender tudo que se passa nesse micro cosmo social que é a escola”.

Como desafio para este pesquisador e agindo de forma a atingir completa integração ao ambiente escolar, utilizo meu papel de funcionário e me aproveito já está inserido nas atividades da escola campo, ao qual tomo como objeto de estudo, e se valendo do que Schilling (2004) nós alerta com relação ao papel da escola nesse debate, ora como vítima da violência externa, outrora algoz, quando vista sendo uma instituição com sua própria cota de violência.

Além de me apoiar nas orientações do que Geertz (1989) nos lembra sobre, a etnografia requerer uma descrição densa, fruto do esforço intelectual. A descrição, mais densa possível dos fatos e percepções pesquisados na escola, é um desafio que vale a pena enfrentar em busca do significado das discussões, dos gestos, das palavras, entonações de voz e outros aspectos que nos permitirão ler o conteúdo simbólico subjacente a essas manifestações.

Cabe, antes de passar à questão principal deste trabalho, ressaltar que no decorrer do trabalho, usou-se de várias formas de coleta de dados, ora com entrevista com alunos, professores e corpo técnico, ora apenas a observação do cotidiano da escola e também da leitura de matérias tanto da secretaria da escola, quando o material da coordenação pedagógica da escola (livros atas de reuniões de pais e responsáveis, atas das reuniões pedagógicas envolvendo corpo docente e discente), além e claro das conversas informais que ocorriam no dia-a-dia da escola.

³Em 2012, prestei concurso público para atuar na Secretaria Estadual de Educação do Estado do Amapá (SEED), tanto para Professor de sociologia, quando em nível médio, para auxiliar educacional, cargo que ocupo exercendo funções administrativas na escola campo de pesquisa (E.E.P.C.A.L).

E sendo assim lanço a minha questão: De que forma a violência no cotidiano social dos alunos contribui para os índices de indisciplina na escola, e como reflete no espaço de convivência escolar? Esta questão se faz como principal ponto deste trabalho, por crer que a violência escolar não se trata de um fenômeno específico do espaço escolar. Mas por se tratar de uma modalidade que acaba por se refletir dentro da escola, conseqüentemente é um fenômeno que esta além apenas das questões pedagógicas escolares.

2 NOÇÕES A RESPEITO DA VIOLÊNCIA

Antes de retratar o que de fato suscita a violência escolar, é preciso compreender um pouco da realidade que cerca atualmente nossas escolas, tendo em vista a violência ser um fato social universal que sempre existiu. O que causa preocupação e ela se manifestar nas escolas. Estas outrora eram vistas como lugares privilegiados e preservados, protegidos de conflitos, um lugar de socialização dos indivíduos.

E a partir do advento da modernidade, que surge consigo a problematização das formas de interação dos indivíduos no meio urbano. Convém pensar a respeito do que sugere Bauman (1999b) sobre a sociedade de modo geral encontrar-se, num mundo líquido e fluido, onde somente a incerteza e a insegurança prevalecem.

Segundo Bauman (2001, p.34) “o indivíduo possui três elementos como condições para a autoconfiança de que depende a capacidade de pensar e agir racionalmente: a segurança, a certeza, e a existência de garantias”.

O mesmo define *Segurança* como aquilo que, na medida em que tenhamos ganhado e conquistado continuará em nosso poder. O mundo é estável o que foi alcançado manterá seu valor como fonte de orgulho. A *Certeza* trata-se do saber a diferença entre o que é razoável ou tolo, em suma se refere às distinções que guiam as nossas opções diárias e nos ajudam a formar as decisões das quais não esperamos nos arrepender. É a *Existência de Garantias* de que se formos corretos nenhum perigo ameaçará o nosso corpo ou aquilo que nos é externo: O nosso lar, nossos familiares e vizinhos, os bens adquiridos e todas as conquistas realizadas não serão afetados.

Quando ocorre a quebra de um desses elementos, nos remonta a construção de uma sociedade de insegurança e incertezas. Hoje nesta sociedade de

incertezas, tentamos construir inimigos palpáveis. O crime aparece não mais como ruptura da ordem, mas como ameaça à segurança.

Para Bauman (2000, p.56) “a incerteza, a insegurança e a quebra de garantias, devem-se às transformações macro econômicas e políticas, são, portanto, estruturais”.

Pode-se dizer que o fenômeno da violência acaba por desfazer aquilo que é considerado a nossa “normalidade”. A partir dessa interrupção leva-nos a exercitar o olhar informado, e detectar a multidimensionalidade da violência. Cabe nos perguntar de que tipo de violência falamos, quando falamos em violência? Tendo em vista que o termo violência é vago. E seu significado é definido num certo contexto social, econômico e cultural. E o seu nível de tolerância está relacionado ao sistema de valores de uma sociedade.

O fenômeno da violência vem sendo abordado e tratado com muito interesse a partir de vários aspectos nas ciências humanas em seus diversos campos. Contudo venho a me ater nas características formadoras da violência em princípio de modo a encontrar em que ponto tal fenômeno irrompe no meio social, e posteriormente afetando todas as instituições que compõem a sociedade, incluindo as escolas.

Segundo Velho (1996, apud MARRA, 2007, p.35) “entende-se em geral como violência tudo aquilo que não é desejado por outrem, e que se lhe impõem pela força simbólica ou concreta”, e que, portanto, se coloca na contramão do desejo respaldado pela diferença. Desta forma podemos inferir inicialmente que a violência em seu bojo, está ligada a construção de uma relação conflituosa com o outro, de modo que tal conflito resulta em intimidação da vítima da violência.

Mas devemos ressaltar que a violência não se resume apenas em uma ação que tem em vista a alteração danosa do estado físico do indivíduo ou de um grupo. Este fenômeno também tem uma imbricação social, que é relativizada a partir de cada cultura no qual emerge e da sociedade em que se insere. Sendo assim não podemos analisar o fenômeno da violência pela ótica de um discurso. Mas é preciso reconhecer que a elevação da violência à condição de problema nacional no debate público decorre também de sua disseminação e diversificação no âmbito da sociedade civil.

É no quadro de uma ampla demanda por segurança, que os moradores das periferias dos centros urbanos, buscam promover respostas para o fenômeno da violência nos estabelecimentos escolares, trazendo com isso à visibilidade de suas

demandas, onde passam a acompanhar a rotina do sistema de ensino público no Brasil.

Conhecer e compreender esse fato em suas variadas expressões de realização poderá nos esclarecer a forma desejável - e não a utópica - de administrá-los de uma maneira conciliatória a partir da identificação de suas causas.

Para ilustrar de outra forma segundo Arendt (1994) a violência, surge da ausência de poder, por não mais existir consenso da maioria. Arendt (1994, p.129), no texto "*Da Violência*", diferencia poder, fortaleza, força autoridade e violência, Diz:

O poder está realmente na essência de todo governo, mas a violência, não. A violência é por natureza instrumental (...) o poder não necessita de justificação, sendo inerente à própria existência de comunidades políticas, o que realmente necessita é de legitimidade (...) a violência pode ser justificada, mas nunca será legítima.

Por considerar a violência como instrumental, porque necessita de instrumentos de coerção para fortificar o vigor individual. Sendo instrumental, ela é racional até quando seja eficaz no alcance dos fins que a justificam. "E aquilo que necessita justificar-se através de algo mais não pode ser a essência de coisa alguma" (ARENDR, 1994, p.28 apud. MARRA, 2007, p.47).

Ou ainda como Chauí (1999), nos lembra que a violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação pelo medo e pelo terror. A violência se opõe a ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem em, insensíveis, mudos, inerentes ou passivos.

No entanto quando se trata da violência que ocorre dentro das escolas entramos num campo que requer um cuidado maior, haja vista que não reconhecemos a violência escolar como um fenômeno social, mas apenas como estudos de casos, ou como comportamentos individuais de jovens delinquentes, ou sequer mencionamos para não sugerir que as escolas sejam locais de conflito, ao invés de locais de consenso na vida cotidiana.

Eu gostaria de ressaltar que essa questão está ausente das agendas de discussão de políticas públicas⁴. Essa ausência, em si, é uma questão sociológica de suma importância, para ser analisado.

⁴ Quando me refiro as discussões políticas do tema, me refiro especificamente ao estado do Amapá, pois até o ano de 2014 não consta no plano Estadual de Educação do Estado em seu corpo, uma única referência a estratégias ou planos de combate a violência no âmbito escolar. Somente a partir de 2015 no novo plano Estadual de Educação, consta apenas na justificativa para combater a melhora no sistema público de educação, isso de forma geral e não específica em relação a questão apresentada neste trabalho.

Para termos ideia realmente do que seria a violência escolar, faço uso do conceito de Derbarbieux e Blaya (2002, p. 110) que ressalta:

A violência escolar é altamente dependente das condições sócio demográficas da população escolar: quanto mais socialmente carente for a população da escola, mais degradada será a atmosfera e mais profundo o sentimento de insegurança, e conseqüentemente mais difícil é a construção da relação dentro da escola.

As definições da violência envolvem padrões sociais diversos, implicando formas variadas de expressão. Cada sociedade está às voltas com sua própria violência, com aquilo que ela pontua como violento, dependendo de critérios de valores, leis, normas, religião, tradição, história e outros fatores.

Em um outro ângulo, Derbarbieux e Blaya (2002) aponta para a exclusão em todos os níveis como um dos maiores fatores de risco de violência e, principalmente, aponta para a exclusão social como um desafio aos governos da atualidade:

Violência representa um desafio às democracias: o desafio da guerra contra a exclusão e a desigualdade social. Essa desigualdade não se refere apenas aos "bairros sensíveis", ela existe em escala planetária: existe uma comunidade global de problemas, porque, se existe de fato essa coisa chamada globalização, ela é a globalização da desigualdade, que afeta os bairros de classes trabalhadoras tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em dificuldades. A mobilização deve ser, portanto, em nível internacional. (DERBARBIEUX E BLAYA, 2002, p.109)

Contudo caracterizar a violência escolar atribuindo unicamente as condições sócio demográficas da escola como fator principal seria uma imprudência. Desta forma uso do conceito de Spósito (1993, p. 64), que considera violência escolar "aquela que nasce no interior da escola, ou como modalidade de relação direta com o estabelecimento de ensino".

A de hoje, ao inverso de sua função socializadora, está se colocando cada vez mais isolada da comunidade que a cerca, através de várias medidas de proteção tomadas para conter a violência em seu interior. A escola, afirma Gusmão (1997 apud MARRA, 2007, p.26), constitui um espaço dinâmico de convivência de processos de produção de conhecimento e de interação entre as dimensões políticas, culturais, institucionais e instrucionais que visam a construir um projeto de homem, de sociedade e de educação. Com tal expectativa, que futuro aguarda a escola se não nos debruçarmos sobre ela na tentativa de entendê-la?

Segundo Colombier (1989), professor e demais profissionais da educação se sentem desorientados, sem saber como evitar o reforço das atitudes agressivas

nesses alunos atingidos, eles próprios, por sua violência, que os torna destruidores, revoltados ou mesmo submetidos até à inexistência. Para a autora, a não intervenção, o não fazer nada só trará consequências catastróficas porque a ausência de lei é o caminho da loucura. A violência sempre existiu, diz a autora, mas para nós, a urgência se situa nas respostas que temos que dar do nosso lugar de adultos à violência cotidiana.

Porém, cabe ressaltar que a violência escolar é um fenômeno social, os casos que ocorrem dentro da escola são casos que poderiam muito bem ocorrer em outros lugares. Muito se dá por ocorrência da exclusão social que de certa forma encontra-se dentro da escola, motivada pela atuação conjuntamente da atmosfera em sala de aula e o sistema educacional.

Temos que questionar se o currículo faz sentido para os alunos e para os professores; se a dinâmica de sala de aula faz sentido para quem passa boa parte do seu tempo nela ou se sente dela excluído. Temos que questionar se a escola é parte do aluno ou se ele se situa fora dela. E entender as indagações dos profissionais que nela atuam. Para tal o fator da indisciplina escolar deve ser entendido, de forma a dar base para a discussão que vem a seguir a respeito da escola campo.

3 A INDISCIPLINA NA ESCOLA

No ambiente escolar, as indisciplinas, particularmente nas últimas décadas, teriam se tornado expressões usuais, rupturas com as quais os professores precisam conviver em salas de aula, onde persiste disputando e conquistando um espaço considerável do currículo escolar.

Quando analisamos as atitudes consideradas como indisciplinadas, tomadas pelos indivíduos dentro do ambiente escolar não podemos eleger, prioritariamente nesta análise as condutas que envolvem a destruição e a força, deixando de considerar ao menos como referência, práticas mais sutis e cotidianas observadas na sala de aula que veiculam o racismo ou a intolerância e, até, os mecanismos relativos à violência simbólica presentes na relação pedagógica, já estudada por Bourdieu e Passeron (1975 apud SPOSITO, 1993).

De outra parte, os diversos usos e significados da palavra violência ao lado de termos correlatos como indisciplina permitem alterações expressivas de

significados correntes sobre o conjunto das ações escolares. As rotinas, práticas, modos de ensino e aprendizagem, a seleção de conteúdos e as interações na sala de aula entre professores e alunos constituem elementos de controle, instalam relações de poder e produzem desigualdades, não só em decorrência das classes sociais, mas, também, de fundo étnico e de gênero.

Atos anteriormente classificados como produtos usuais de transgressões de alunos às regras disciplinares, até então tolerados por educadores como inerentes ao seu desenvolvimento, podem hoje ser sumariamente identificados como violentos. Ao contrário, condutas violentas, envolvendo agressões físicas, podem ser consideradas pelos atores envolvidos, episódios rotineiros ou meras transgressões às normas do convívio escolar. Por essas razões, um dos aspectos ainda a serem investigados diz respeito ao modo como, no âmbito da instituição escolar, são construídas as definições que designam e normalizam condutas - violentas ou indisciplinadas - por parte dos atores envolvidos: professores, alunos, funcionários, pais, entre outros.

Como bem nos lembra Sposito (2003), se o entorno da escola acaba interferindo na vida escolar e a sua permeabilidade aos processos externos se torna mais evidente, um conjunto de nexos estabelecidos deve, ao menos, ser submetido à pesquisa e à interrogação sobretudo quando se considera a importância da socialização no grupo de pares.

Como nos lembra Marra (2007) na literatura educacional o termo indisciplina remete uma pluralidade de entendimentos conceituais, quando pensado em contraste à noção de disciplina. Esse conceito se articula a noção de ruptura e negação de esquemas norteadores e reguladores na escola. Entendemos a noção de indisciplina como relativo, fundamentalmente, a rupturas relacionadas às esferas pedagógicas e normativa da escola. Segundo Garcia (2005) as expressões de indisciplina comumente refletem transgressões a parâmetros e esquemas de regulação da escola, e podem ser pensadas como formas de ruptura no contrato social subjacente às relações e intenções pedagógicas na escola, cujo eixo seria o processo de ensino-aprendizagem.

Para muitos profissionais da área da educação a indisciplina, configura-se como um desafio intensamente vivenciado na escola, como fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente associada a conflitos em sala de aulas.

Porém, vale destacar que tal indisciplina, também pode refletir a respeito do ambiente escolar e sobre sua própria perspectiva pedagógica.

Haja vista a escola ser uma instituição que agrega grupos diferenciados, voltados para objetivos que devem ser comuns. Para que esses objetivos sejam alcançados, a escola está organizada em torno de normas de funcionamento que devem ser acatadas. Como bem lembra Marra (2007), para que se possa romper com a ideia de que a escola é um espaço resguardado da violência, e destinado apenas, e somente, a aprendizagem de conhecimentos e à formação da pessoa ao exercício da ética e do diálogo e à formação da cidadania, antítese, portanto, da violência, será necessário que reconheçamos esta fragilidade neste pensamento de espaço isolado. Quando a isso tanto Marra (2007), Spósito (1993), Debarbieux e Blaya (2002) fornecem fundamentos que facilitam uma análise da dinâmica interna da escola sob o enfoque da violência.

Para compreender a construção do significado de indisciplina é preciso primeiramente refletir a respeito do papel da escola e de seus atores sociais, em particular dos alunos. Analisando a história da educação, verificamos que as funções relacionadas à Educação, até então de responsabilidade das famílias, da igreja e da comunidade, foram sendo transferidas para uma instituição criada pela sociedade – a escola. Deste modo, foi o desenvolvimento histórico da humanidade que fez surgir à necessidade de se criar e de se manter essa instituição especializada em fornecer às pessoas as informações mínimas e a preparação adequada à vida social.

Vemos então, que ao longo da sua história, a escola vem assumindo cada vez mais características próprias acabando por assumir papéis antes delegados a família e a sociedade em si. O que se espera da escola é que a mesma prepare os indivíduos para a vida política, social e para o trabalho, desenvolvendo suas habilidades.

Considerando a perspectiva dos alunos sobre a escola e sobre a indisciplina escolar, observamos que os alunos constroem visões sobre a escola, falam, criticam, deixam transparecer a vontade que possuem de que a escola seja melhor, que ensine mais, de um jeito mais agradável e diferente. Suas falas refletem o desejo de serem ouvidos, de participarem nas decisões e nos planejamentos. A escola que lhes proporcionar e permitir tais participações, será a melhor, a mais agradável, e diferente. Em momento algum os alunos deixam transparecer que a escola não é importante, embora deixem transparecer que não é “essa” a escola que

desejam. Compreendemos que os alunos, através, de suas perspectivas, ajudam a compreender muitas situações que ocorrem no cotidiano escolar, dentre elas, as ligadas à indisciplina escolar.

Vale considerar ainda que por se tratar de uma criação cultural o conceito de indisciplina não é estático, uniforme, tampouco universal. De modo que assim, aquilo que a escola estabelece como critérios para dizer se uma expressão é ou não indisciplina, estaria se transformando ao longo do tempo. Logo o estudo da escola ainda constitui campo importante da reflexão sociológica.

Para fins de desenvolvimento conceitual apresentaremos algumas noções relacionadas ao conceito de indisciplina. De um lado, é possível compreender a indisciplina como algo inerente ao comportamento do aluno. E as expressões de indisciplina, na escola, estariam atreladas a alguns significados como: rebeldia, intransigência, negação e desrespeito. Em complemento, pode-se considerar a disciplina como algo socialmente construído, e que tudo aquilo que se crê relacionado a ela seria criado através da interação social dos atores que lá estão (GARCIA, 2005).

Finalmente, é possível compreender a indisciplina como algo originado na relação professor-aluno. E que a mesma implicaria, sempre, a contravenção de princípios, regulamentos, contratos e ordens, discordando claramente dos objetivos do grupo ou da instituição e provocando situações de perturbação das relações sociais no seu interior (AMADO, 2001). Sendo assim a negação deste fenômeno não diminui ou extingue sua manifestação; ao contrário, ignorá-lo significa perder a oportunidade de obter vantagens sobre aspectos que poderiam ser usados nas estratégias de conciliação de situações dissidentes.

Percebe-se que o conceito de indisciplina está diretamente ligado a ideia de transgressão das regras do ambiente escolar, contudo como pode ser observado na escola E.E.P.C.A.L, não só a quebra das normas escolares são os fatores, acarretadores da indisciplina por parte dos alunos, mas também fatores externos a ela e também por parte da própria postura dos membros do corpo docente da mesma.

Além, é claro, de perceber que por parte dos alunos as estratégias de violência se manifestam tanto na forma de violência banal⁵, com os risos, deboches, pichações, até a violência anômica⁶, evoluindo para a agressão física.

4 A ESCOLA CAMPO

Nesse contexto, as crianças e os adolescentes se apresentam como um foco de preocupação para pais e educadores, justamente por viverem numa sociedade em transformação, tomada por valores instáveis e de curta duração. A agressividade, que faz parte da natureza afetiva do ser humano, quando reprimida, pode se manifestar como violência. A dificuldade em se perceber a diferença entre ações agressivas e violentas pode promover a repressão dos alunos, os quais por acúmulo desta comportam-se ainda mais agressivos, criando-se um ciclo do qual participam alunos e professores.

Tendo esta perspectiva em mente devemos nos colocar no campo de trabalho escolhido para observar, a escola que foi objeto de estudo trata-se de uma escola com mais de trinta anos de atuação, esta que teve no ano de 2010 (dois mil e dez) uma reforma para ampliação de suas instalações. Encontra-se localizada numa área considerada não periférica, atendendo um conjunto de alunos diversificado e oriundas de classes econômicas diferentes.

A escola funciona nos três turnos e contam com uma equipe de mais de 80 (oitenta) funcionários entre direção escolar, professores, merendeiros, agentes administrativos, pedagogos, psicólogos. Atende uma média de 800 a 900 alunos por ano. Deste o ensino fundamental I e II, quando a Educação de Jovens e Adultos.

Este último segmento de ensino juntamente com os alunos do ensino fundamental II, tornam-se objeto de estudo e atores desta pesquisa, haja vista, serem os que estão diretamente visados dentro dos trabalhos da escola com relação aos seus comportamentos conflituos e por muitas vezes apresentarem como dispersos da disciplina que o ambiente escolar impõe.

⁵ Conceito desenvolvido por Michel Maffesoli que trata este fenômeno como sendo algo que está ativa na resistência da massa, tal como uma máscara que evita o confronto direto, mas usa a ritualização da violência, o riso, a zombaria como formas de reação à dominação, sendo portanto prospectiva. (MARRA, 2007, p.41)

⁶ Conceito desenvolvido por Michel Maffesoli, tento por função básica é construtiva, porquanto seja um “não” ao conformismo, uma reação à sujeição e à dominação. (MARRA, 2007, p.41)

Vale ressaltar antes de tudo que muito dos alunos do ensino fundamental II, estão em uma fase de desenvolvimento cognitivo conhecido como Pré-adolescência, que para muitos trata-se de um momento crítico, onde seus conflitos em casa e mesmo na escola acabam sendo mal compreendidos, por parte de seus familiares e colegas de escola assim como também o corpo de docentes da escola.

Desta forma lembro que a adolescência por se tratar de uma fase de mudança, o alunado passa a questionar a autoridade da família e da escola com relação as suas atitudes dentro de cada ambiente. Seja na sala de aula ou em momentos de convivência familiar. Com isso o querer-viver dos alunos se mostra como uma nova ordem, porém conflituosa, em relação às diretrizes estabelecidas, pela escola, contudo podendo ser negociada.

Nesse sentido, a escola de hoje, ao invés de exercer uma função socializadora, está se colocando cada vez mais como uma instituição de mediação de conflito e se isolando da comunidade que a cerca, através de várias medidas de proteção tomadas para conter a violência em seu interior.

Uma das medidas que foi observada dentro da escola nos “turnos problemáticos”⁷ que seriam a tarde e à noite são os projetos de cunho socializadores tais como “mostra científica, jogos internos e sábados letivos recreativos” o que de certa forma contribui para uma aproximação dos alunos com o corpo docente e demais membros da escola.

Contudo, quando observamos, mais de perto as falas de nossos participantes deste meio social, notamos o que realmente seria encarado como problema não é a indisciplina que muitos alunos, têm em relação a escola, é sim as ocorrências externas que se refletem dentro do ambiente escolar: como o uso de drogas e a presença de ex-alunos no entorno da escola.

Aqui cabe uma reflexão a respeito do papel dos ex-alunos no entorno da escola, em conversas que tive com professores e outros funcionários da escola, eles apontaram que estes ex-alunos eram suspeitos da ocorrência do tráfico de drogas na escola, além de ficarem tentando intimidar outros alunos e provocando brigas nas imediações da escola.

Nesse sentido recordo uma fala da Auxiliar de Disciplina que lembra “que quando eles estão lá para trás (atrás dos blocos de sala de aula), ela prefere nem

⁷ Um dos termos utilizados pelos professores, pedagogos e corpo técnico da escola.

chamar a atenção para que voltem para a sala de aula”, pois como são alunos da comunidade e a mesma também mora nas imediações, considera perigoso enfrentar os mesmos.

Também nesse sentido vale a pena retratar aqui a opinião lançada de uma das Professoras do turno da tarde a respeito do uso de drogas dentro da escola:

É complicado dar aula nesse turno na minha turma da 5ª série tem o Vitor⁸, ele passa a aula inteira, sonolento e “voando” parece está meio, sei lá, você me entende né, tenho certeza que ele usa alguma coisa, (...) mas deixa quieto ele dificilmente irá passar no fim do ano, ai já vi.

Como podemos perceber o uso de drogas no ambiente escolar parece ser, o maior problema da Escola Campo, a ser enfrentado, contudo quando analisamos o terceiro turno da escola onde a clientela são alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), não é só o uso de drogas que preocupa, mas as brigas que muitas vezes acabam por terminar no ambiente escolar. São brigas que iniciam fora da escola, na comunidade dos alunos e se refletem dentro do ambiente escolar. Sendo que nestes casos específicos são muitas vezes acionados os meios legais (a intervenção do policiamento escolar) para resolução destes conflitos.

O que de fato pude presenciar poucas vezes, mas quando ocorrido chama a atenção e provoca o pensar na fragilidade que se encontra o ambiente escolar. Este não mais consegue por si só, resolver todas as problemáticas de seu ambiente. Sendo necessário a intervenção da polícia adentrando dentro de um espaço, que em sua formação original seria um lugar, que tem como premissa a socialização, a aceitação de diferenças e resolução de conflitos através do diálogo é tolerância.

Contudo, o turno noturno, como me adiantou a Vice-Diretora, era mais calmo, e a violência praticamente não existia: “Os alunos do noturno, a maioria trabalha e estuda para eles, a escola tem outro sentido, estão aqui porque precisam”, disse ela.

Quando analisamos a relação aluno professor, nos dois turnos percebemos alguns conflitos, tais como rejeição por parte dos alunos com relação à metodologia utilizada pelo professor com a turma, sua forma de cumprimentar e tratar dos professores, com os mesmos, mas algo que realmente nos inclina a questionar é o fato dos alunos protestarem contra os atrasos dos professores e o que eles definem como “enrolação”, este último com certeza me chamou atenção. Enrolação para

⁸ Não irei usar o verdadeiro nome dos alunos aqui na realidade todos os nomes ou pessoas citadas são fictícios para preservar a integridade, dos mesmos, além, também, de evitar usar os nomes dos funcionários por isso usarei sempre sua função e correlacionado com o turno que trabalha.

muitos alunos e definida como o professor demora para passar algo no quadro ou quando ele fica matando só copiar do livro o que não parece agradar aos alunos.

Com relação aos atrasos os alunos reclamam e questionam o porquê do tratamento diferenciado que recebem, como podemos perceber na fala de uma aluna da 6ª série que diz:

Não é certo se eu tenho que está aqui no horário, porque eles podem chegar depois? (...) às vezes eu tenho que sair bem cedo de casa para pegar o ônibus e chega na hora, porque se eu atrasar não deixam eu entrar na primeira aula ai eu tenho que espera para entrar na segunda, mas com professor não, chega a hora que quer! (...)

Está situação leva a entender que os alunos não aceitam que cobrem deles o cumprimento das regras escolares, e deixem de cobrar dos professores, afinal todos tem que respeitar as normas da escola, sendo assim quando o professor não cumpre seu horário de aula ou deixa de passar trabalhos para os mesmos, os alunos percebem uma brecha para questionar a autoridade da escola com relação a eles.

E neste momento vale ressaltar as observações de Marra (2007, p.111) a respeito destas atitudes por parte dos docentes quanto “as aulas interessantes que os alunos demandam para combater a violência ficam muito longe de sua aspiração e aprisionam o aluno na escola, em submissão a modelos tradicionais de insubordinação pros meios não socialmente aceitáveis”, o que acarreta um desinteresse por parte dos alunos em continuar na escola.

Com relação aos professores notei que eles preferem manter pouca intimidade com os seus alunos, de modo geral ocorre uma seletividade por parte dos professores com relação a seus alunos, nem todos têm a predisposição de acompanhar o desenvolvimento dos alunos com dificuldades de aprendizado, com isso novamente se tem uma brecha para que o aluno se comporte de modo conflituoso, dentro de sala de aula e com os demais membros da escola.

Feito estas primeiras observações e apoiado no que Marra (2007), nós, fala sobre formas de Violência gostaria de destacar três pontos, das maneiras que ela se manifesta dentro do ambiente escolar. O primeiro trata da violência como desrespeito ao outro, nesta categoria estão reunidos os fatos que compõem a violência simbólica, encontram-se os xingamentos, as ofensas de caráter pejorativo (de certa forma preconceituoso, racista e homofóbico), as atitudes de exclusão e isolamento. Nesta categoria existe uma pequena observação a se fazer, pois muito

palavrões não são considerados ofensivos pelos alunos nas suas relações pessoais entre colegas de salas de aula, porém são encarados de outra forma por professores, corpo técnico-pedagógico e demais membros da escola. Isto porque a forma como são colocados e o contexto vivenciado varia muito.

A segunda categoria trata-se da Violência como ameaça e agressão seguida de lesão corporal, nesta estão incluídas as ameaças, as de lesão corporal (que muitas vezes ocorrem ou não) estas ameaças partem na grande maioria dos alunos em direção a colegas de classe e a professores.

Para ilustrar melhor este fato destaco dois casos que tive a oportunidade de presenciar: no primeiro tratava-se de uma briga entre três meninas da 5ª e 6ª série, fato este ocorrido dentro do pátio da entrada escola, onde foi necessário a intervenção de auxiliares de disciplina para intervir no meio da briga das alunas, as três foram encaminhadas para a coordenação pedagógica e tiveram que esperar a presença de seus pais para que fossem comunicado dos fatos.

Outro caso trata-se de uma explosão com usos de fogos de artifícios, que ocorreu na porta da sala da supervisão escolar, motivado por alunos da 7ª série, os quais segundo o Coordenador Pedagógico do turno da tarde tinha a intenção de feri-lo, motivados pelo fato do mesmo ter obrigado estes alunos a entrarem na sala de aula contra a vontade dos alunos.

Com relação a estas e outras ocasiões as atitudes da coordenação pedagógica são sempre as mesmas, primeiramente são identificados os responsáveis pela ocorrência e em seguida os pais são chamados a escola para que sejam esclarecidos dos fatos, nestes dois casos citados acima todos os envolvidos, foram suspensos pelo prazo que prevê o regimento escolar, pelo período de uma semana⁹, no caso da explosão os pais dos alunos tiveram que pagar pelos danos causados a escola.

Neste momento surge imaginar qual o papel da coordenação pedagógica neste emaranhado de acontecimentos, cabe ela agir como um conselho de sentenças de um júri de tribunal? Ou um mediador de conflitos, ou ainda uma delegacia que registra as ocorrências e encaminha para a instancia maior. Acredito

⁹ No caso das meninas que haviam brigado apenas duas que foram consideradas agressoras, por consequência foram suspensas por uma semana, a terceira foi considerada vítima da situação, por causa deste fato, os pais dela solicitaram a transferência da aluna da escola na mesma semana. Com isso tanto as que foram consideradas agressoras quanto a que foi considerada vítima não foram entrevistadas por mim, mas conversando com a coordenação pedagógica da escola eles me esclareceram que a briga ocorreu por causa de inimizade das alunas umas com as outras o que de fato não pode confirmar.

que de fato este papel da coordenação pedagógica e um ponto chave para o equilíbrio da convivência dos membros da escola.

Destaco aqui a fala do Diretor com relação aos acontecimentos: Segundo o diretor, os alunos são reflexos da convivência das próprias famílias que, para ele são famílias problemáticas, pois são pessoas que tem o habito de se envolver em brigas e confusões com os vizinhos e entre eles mesmos da família. Esta fala do Diretor dá a entender que possui intimidade com as famílias, ou, teria conhecimento dos hábitos das famílias, ou ainda estaria ele julgando as famílias sem ao menos possuir conhecimento de causa. Se de fato não soube como avaliar tal fala, porém, cabe aqui o que Colombier (1989, p. 17) nos faz pensar; “que a violência que as crianças e os adolescentes exercem é antes de tudo a que seu meio exerce sobre eles”.

A terceira forma que me chamou a atenção é a que considero mais presente na vida dos membros da escola, trata-se da Violência como depredação escolar e roubo contra seu patrimônio, nesta categoria a maioria dos entrevistados foi unanime em citá-la.

Neste ponto pode perceber que realmente a escola se encontra com certos problemas na sua estrutura física, no turno da tarde são poucos os ventiladores nas salas de aula, e as que possuem centrais de ar-condicionado, estão com defeitos ou não são o suficiente para climatizar as salas, e com isso agravando a sensação de calor. Segundo o Diretor da escola este problema da manutenção da escola se dá pelo bloqueio do Caixa Escolar¹⁰, sem o dinheiro para a manutenção fica difícil promover um ambiente para que o aluno consiga se dedicar aos estudos.

Este problema de gestão reflete também nos outros turnos, e com isso muitos alunos acabam por se revoltarem com a escola, é e através de pichações que existem fazem na escola passam a descarregar sua carga de violência contra a mesma. No turno da noite as depredações são menores contudo, uma ora ou outra, surgem pichações e até mesmo mobiliários danificados.

Com relação aos roubos e furtos propriamente dito, soube de poucos casos mas com certeza, um me chamou a atenção, foi um furto ou quase isso! Que ocorreu numa turma de 3º ano do fundamental I onde são crianças de 8 e 9 anos.

¹⁰ Caixa Escolar trata-se da maneira que o Governo Estadual repassa verbas para a manutenção das escolas, contudo no ano de 2013 a justiça após detectar irregularidades na contratação dos trabalhadores determinou por meio do Ministério Público do Trabalho (MPT) que as contas dos Caixas escolares de Macapá fossem bloqueadas para pagar dívidas trabalhistas onde as ações chegam a R\$ 4 milhões. Fonte: <http://www.f24.com.br/editorial/brasil/amapa/25062014-160948-no-ap-bloqueio-de-conta-do-caixa-escolar-gera-protesto-de-estudantes> data do acesso: 14/02/2015

Segundo a Professora da Turma do 3º ano que saiu para a busca na sala dos professores um pincel para escrever no quadro uma das atividades do dia, quando retornou, uma aluna estava se queixando que seu aparelho de celular, havia sumido da sua carteira. No mesmo momento a professora, acionou a Coordenação Pedagógica do turno da manhã, e ao retorna com o Coordenador o aparelho havia sido encontrado.

O que chama atenção neste caso, e o fato dos professores e demais funcionários tratarem o ocorrido como um crime, e não levarem em consideração que poderia se tratar de uma travessura da turma com relação ao colega ou mesmo com a professora, pois crianças nesta idade de 8 e 9 anos mesmo que sem saber gostam de brincar de formas variadas. Cabe aqui se questionar se não estamos imputando deste muito cedo na mente das nossas crianças um medo que é reflexo dos adultos? Ou criminalizando ações que outrora não eram criminalizadas?

Este fato com certeza e muito interessante para pensar a proposta e postura dos atores sociais, da escola campo. Temos professores que estão atuando com medo em sala de aula? Ou alunos realmente violentos? De que forma as ações que a escola toma refletem, no dia-a-dia do processo ensino aprendizagem? Quais ações são tomadas para combater os índices de violência na escola? O que te fato é violência escolar. Estas questões que surgem são realmente complicadas de se responder, no contexto deste artigo, mas aqui deixo um primeiro passo para o avanço nesta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho surgiram vários fatos que com certeza surpreenderam, este pesquisador. De modo claro pode-se perceber a fragilidade que se encontram, os atores sociais que dentro da escola trabalham. Temos destes professores pouco qualificados para o exercício pleno da docência, quando uma escola que não mas comporta espaço para atender a demanda de problemas extra pedagógico.

A escola, no bojo da sua criação, foi pensada para ser um lugar de construção de ensinamentos, de pensamentos, de um projeto social de emancipação através da educação. Contudo ao longo do tempo além das questões sociais a expectativa em cima da escola passou a ser maior e com isso novas necessidades passaram a recair sobre a escola.

Estas cobranças feitas a escola vão além do seu papel como instituição social. A violência escolar torna-se neste caso um reflexo da sociedade que não mais vê o papel que cabe a escola como instituição educadora, e acaba por suscitar nos cidadãos uma imagem distorcida de sua função. A escola passa a desempenhar uma função disciplinadora, onde aqueles que vão para lá são pessoas a serem disciplinadas e não pessoas em busca de conhecimento.

Com isto a escola acaba por exercer uma função que não lhe cabe, por consequência torna-se claro a sua incapacidade em tratar dos casos de violência que ocorrem dentro do seu espaço, além disso fica evidente a precariedade da sua organização e a forma como é pensada.

Com relação a escola campo E.E.P.C.A.L ao longo do tempo ali passado, pude notar que a escola com o tempo começou a não mais confrontar os casos ocorridos, e sim buscou analisar cada conflito sempre tratando como casos isolados, e que seriam resolvidos da forma que a direção melhor se respaldasse dentro de suas diretrizes internas.

Ao meu ver isso em parte resolveu os problemas, porém quando analisamos mais profundamente estas ocorrências, notamos que está longe de se resolver o problema de fato, pois as consequências da violência escolar gera sem dúvida um medo profundo nos atores escolares, prejudicando a educação, assim impedindo que o professor exerça sua autoridade, também acabam por se desmotivarem para enriquecer suas aulas, desta forma os alunos não motivam para estudar e a escola deixa de cumprir suas normas e regras de convívio.

Cabe aqui destacar, que ao longo da pesquisa foram surgindo inúmeras outras questões, que possivelmente aqui não serão respondidas. Com relação as consequências da violência no cotidiano dos alunos, percebo tratar-se de um aspecto influenciador nos comportamentos escolares dos alunos, de tal forma a prejudicar, o processo ensino aprendizagem.

Está convivência com repetidas formas de violências sofridas pelos membros da escola, dificulta a capacidade de atenção dos alunos, a forma como os professores organizam suas aulas, o processo de avaliação pedagógico se torna pouco produtivo, o rendimento escolar cai de nível, influenciando na busca por melhorias no espaço escolar.

Assim a escola, esperança de melhoria de vida dos menos favorecidos socialmente, necessita passar por uma série de reestruturações físicas e

pedagógicas. Para tal o poder público deve reconhecer que para se entender a violência escolar o melhor caminho a ser seguido, é o da convivência no seu dia-a-dia para conhecer sua dinâmica de funcionamento e o estabelecimento de diálogo com seus atores. Chegou a hora de investir em prevenção centrada nos riscos, não apenas para combater a violência e a criminalidade, mas também para melhorar a saúde física e mental e o sucesso na vida, em áreas como educação.

6 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- AMADO, João da Silva. **Interação pedagógica e indisciplina na aula**. Porto: Asa, 2001.
- ARENDT, Hannah. **Da violência**. 9ª ed., Brasília/Rio de Janeiro: UNB/ Relume-Dumará, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999b.
- CHAUÍ, Marilena. **Uma ideologia Perversa**. Folha de São Paulo, 14 mar. 1999, Caderno Mais, 5-3.
- COLOMBIER, Claire et al. **A violência na escola**. São Paulo. Summus Editorial, 1989.
- DEBARBIEUX, Éric & BLAYA, Catherine. **Violência Nas Escolas Dez Abordagens Europeias**, Brasília, Unesco, 2002.
- DURKHEIM, Emile. **Educação E Sociologia**: Tradução De Maria De Fatima Do Coutto. Introdução De Welington Paz. – São Paulo: Hendra, 2010. 136p.
- GARCIA, Joe. **A construção social da indisciplina na escola**. In: Seminário Indisciplina Na Educação Contemporânea, 1, 2005. Curitiba. Anais... Curitiba: UTP, 2005, p. 87-93.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- MARRA, Célia Auxiliadora dos Santos. **Violência escolar: a percepção dos autores escolares e a repercussão no cotidiano da escola**. São Paulo. Annablume, 2007.
- SCHILLING, Flávia. **A Sociedade Da Insegurança E A Violência Na Escola**. São Paulo: Moderna, 2004.
- SPOSITO, Marília Pontes. **A Instituição Escolar e a Violência**. São Paulo, EDUSP/HUCITE. 1993.
- _____, Marília Pontes. **Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola**. REVISTA USP, São Paulo, n.57, p. 210-226, março/maio 2003